



## A

Ὅλως δὲ ζητούσης τῆς σοφίας περὶ [25] τῶν φανερῶν τὸ αἴτιον, τοῦτο μὲν εἰάκαμεν (οὐθὲν γὰρ λέγομεν περὶ τῆς αἰτίας ὅθεν ἢ ἀρχὴ τῆς μεταβολῆς), τὴν δ' οὐσίαν οἰόμενοι λέγειν αὐτῶν ἑτέρας μὲν οὐσίας εἶναι φαμεν, ὅπως δ' ἐκείναι τούτων οὐσίαι, διὰ κενῆς λέγομεν· τὸ γὰρ μετέχειν, ὡσπερ καὶ πρότερον εἶπομεν, οὐθὲν ἔστιν. Οὐδὲ δὴ ὅπερ ταῖς [30] ἐπιστήμαις ὀρώμεν ὄν αἴτιον, δι' ὃ καὶ πᾶς νοῦς καὶ πᾶσα φύσις ποιεῖ, οὐδὲ ταύτης τῆς αἰτίας, ἣν φαμεν εἶναι μίαν τῶν ἀρχῶν, οὐθὲν ἄπτεται τὰ εἶδη, ἀλλὰ γέγονε τὰ μαθήματα τοῖς νῦν ἢ φιλοσοφία, φασκόντων ἄλλων χάριν αὐτὰ δεῖν πραγματεῦσθαι. [992b] [1]

Ἔτι δὲ τὴν ὑποκειμένην οὐσίαν ὡς ὕλην μαθηματικώτεραν ἄν τις ὑπολάβοι, καὶ μᾶλλον κατηγορεῖσθαι καὶ διαφορὰν εἶναι τῆς οὐσίας καὶ τῆς ὕλης ἢ ὕλην, οἷον τὸ μέγα καὶ τὸ μικρόν, ὡσπερ καὶ οἱ φυσιολόγοι [5] φασὶ τὸ μανὸν καὶ τὸ πυκνόν, πρῶτας τοῦ ὑποκειμένου φάσκοντες εἶναι διαφορὰς ταύτας· ταῦτα γὰρ ἔστιν ὑπεροχὴ τις καὶ ἔλλειψις.

Περὶ τε κινήσεως, εἰ μὲν ἔσται ταῦτα κινήσεις, δῆλον ὅτι κινήσεται τὰ εἶδη· εἰ δὲ μή, πόθεν ἦλθεν; Ὅλη γὰρ ἢ περιφύσεως ἀνήρηται σκέψις.

Omnino autem sapientia de [25] manifestis causam inquirente hoc quidem praetermisimus. (Nihil enim de causa dicimus unde principium est transmutationis). Horum autem substantiam dicere putantes ipsorum, alias quidem substantias dicimus esse. Quomodo vero illae substantiae horum, vane dicimus. Nam et participare, sicut prius diximus, nihil est. Nec quam in [30] scientiis videmus existens causa, propter quam omnis intellectus et omnis natura facit, nec hanc causam quam modo dicimus esse unum principiorum, nihil tangunt species. Sed facta est mathematica praesentibus philosophia dicentibus aliorum gratia ea oportere tractari. [992b] [1]

Amplius autem substantiam subjectam ut materiam, magis mathematicam aliquis suscipiat, et magis praedicari et differentiam esse substantiae et materiae, ut magnum et parvum: sicut physiologi [5] ajunt rarum et spissum primas subjecti dicentes esse differentias has. Haec autem superabundantiae sunt quaedam et defectio.

Et de motu. Si quidem haec erit motus, palam quia moventur species: sin autem, unde venit? Tota namque de natura aufertur perscrutatio.

Toda sabedoria [25] busca a causa do que é manifesto, mas omitimos uma, (pois nada dissemos da causa e do princípio de onde procede a mudança). Mas, crendo dizer a substância deles, afirmamos existir outras substâncias. De fato, ao querer explicar como estas podem ser substâncias daquelas, dissemos palavras vazias. Ora, 'participar', como antes dissemos, não significa nada. Nem do que nas [30] ciências vemos que existe como causa, razão pela qual opera todo intelecto e toda natureza, nem esta causa que de um modo dizemos ser um dos princípios, nada se referem às espécies. Mas as matemáticas tornaram-se para os modernos uma filosofia, ao dizerem que ela é necessária para tratar das outras coisas. [992b] [1]

Ademais, alguém sustentaria melhor a substância sendo um substrato enquanto matéria, do que a matemática, pois é melhor para predicar e sustentar a diferença da substância e da matéria, a matéria<sup>1</sup>, como grande e pequeno, como os fisiólogos<sup>2</sup> [5] falamos do leve e do denso que são estas as primeiras diferenças do sujeito. Mas estas são algo como excesso e falta.

Sobre o movimento. Se tais forem movimento, é evidente que se movem as espécies; e se não, de onde procede? Assim, toda pesquisa da natureza fica suprimida.

<sup>1</sup> A versão latina não apresenta a tradução de ἢ ὕλην, que completa o argumento por comparação. Propus traduzir, dentro deste contexto, para dar sentido ao que foi suprimido no texto latino deste modo: *a matéria*, seguindo o contexto exigido.

<sup>2</sup> Fisiólogos no sentido aristotélico, como já referido, de 'filósofos da natureza'.

Ὅ τε δοκεῖ ῥάδιον [10] εἶναι, τὸ δεῖξαι ὅτι ἐν ἅπαντα, οὐ γίνεταί· τῇ γὰρ ἐκθέσει οὐ γίνεταί πάντα ἐν ἀλλ' αὐτό τι ἐν, ἂν διδῶ τις πάντα· καὶ οὐδὲ τοῦτο, εἰ μὴ γένος δώσει τὸ καθόλου εἶναι· τοῦτο δ' ἐν ἐνίοις ἀδύνατον.

Οὐθένα δ' ἔχει λόγον οὐδὲ τὰ μετὰ τοὺς ἀριθμοὺς μήκη τε καὶ ἐπίπεδα καὶ στερεά, οὔτε ὅπως ἔστιν ἢ [15] ἔσται οὔτε τίνα ἔχει δύναμιν· ταῦτα γὰρ οὔτε εἶδη οἷόν τε εἶναι (οὐ γὰρ εἰσιν ἀριθμοί) οὔτε τὰ μεταξύ (μαθηματικὰ γὰρ ἐκεῖνά) οὔτε τὰ φθαρτά, ἀλλὰ πάλιν τέταρτον ἄλλο φαίνεται τοῦτο τι γένος.

Ὅλως τε τὸ τῶν ὄντων ζητεῖν στοιχεῖα μὴ διελόντας, πολλαχῶς λεγομένων, ἀδύνατον εὐρεῖν, ἄλλως [20] τε καὶ τοῦτον τὸν τρόπον ζητοῦντας ἐξ οἷων ἐστὶ στοιχείων. Ἐκ τίνων γὰρ τὸ ποιεῖν ἢ πάσχειν ἢ τὸ εὐθύ, οὐκ ἔστι δήπου λαβεῖν, ἀλλ' εἴπερ, τῶν οὐσιῶν μόνον ἐνδέχεται· ὥστε τὸ τῶν ὄντων ἀπάντων τὰ στοιχεῖα ἢ ζητεῖν ἢ οἶσθαι ἔχειν οὐκ ἀληθές.

Πῶς δ' ἂν τις καὶ μάθοι τὰ τῶν πάντων στοιχεῖα; [25] Δῆλον γὰρ ὡς οὐθέν οἷόν τε προϋπάρχειν γνωρίζοντα πρότερον. Ὡσπερ γὰρ τῷ γεωμετρεῖν μανθάνοντι ἄλλα μὲν ἐνδέχεται προειδέναι, ὧν δὲ ἢ ἐπιστήμη καὶ περὶ ὧν μέλλει μανθάνειν οὐθέν προγιγνώσκει, οὕτω δὲ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων, ὥστ' εἴ τις τῶν πάντων ἔστιν ἐπιστήμη, οἷαν δὴ τινές φασιν, [30] οὐθέν ἂν προϋπάρχοι γνωρίζον οὗτος. Καίτοι πᾶσα μάθησις διὰ προγιγνώσκομένων ἢ πάντων ἢ τινῶν ἐστὶ, καὶ ἢ δι'

Et quod videtur facile [10] esse monstrare, quod unum omnia non sint. Expositione enim omnia fiunt. Sed aliquid unum si quis dicat omnia, et nec hoc si non dat genus universale esse. Hoc autem in quibusdam impossibile.

Nullam namque rationem habent, nec quae sunt post numeros longitudes, latitudes, solida: nec quae modo sunt [15] aut futura sunt, nec si aliquam habent potestatem. Haec enim nec species possibile esse, (non enim sunt numeri). Nec intermedia; (sunt enim illa mathematica). Nec corruptibilia: sed rursum quartum videtur hoc aliquod genus.

Et omnino existentium quaerere elementa, non dividenter multipliciter dicta, invenire impossibile est. Et aliter [20] secundum hunc modum quaerentes ex quibus sunt elementis. Ex quibus enim facere aut pati, aut ipsum rectum non est accipere. Sed siquidem substantiarum solum esse contingit, tunc quidem existentium omnium elementa quaerere aut putare habere, non est verum.

Quomodo autem aliquis discet omnium elementa? [25] Palam enim quia non est possibile praeexistere cognoscentem prius. Sicut enim geometrizare discentem, alia quidem oportet praescire, quorum autem scientia, et de quibus futuris est discere, non praenoscit, ita et in aliis. Quare si qua est omnium scientia, ut quidam ajunt, [30] nihil utique hic praeexistit cognoscens. Quamvis sit omnis disciplina per praecognita aut omnia,

E o que parece fácil [10] de ser mostrado, que tudo faz o uno, não o é. Não procede da exposição, que tudo faz o uno. Mas, procede que de algo uno se dê tudo; e nem se concede isso de que o universal não seja um gênero. Ora, isso é impossível em alguns casos.

Não dão nenhuma explicação, nem do que existe depois dos números, como os cumprimentos, as superfícies e os sólidos, nem do modo como são [15] ou serão, nem se possuem eficácia. Não é possível que estas coisas sejam espécies, (pois não são números). Nem os intermediários, (pois estes são matemáticos). Nem os corruptíveis; mas isto parece algo novo, um quarto gênero.

E buscar a totalidade dos elementos dos entes sem distinguir suas múltiplas noções, torna impossível encontrá-los. Especialmente [20] se o que se busca deste modo são os elementos que constituem os entes. De fato, não é possível considerar os que constituem o fazer ou o padecer ou mesmo do reto. Mas se ocorresse, o seria apenas das substâncias. Por isso, buscar os elementos de tudo ou crer tê-los, não é verdade.

Ora, como alguém conhece os elementos de tudo? [25] É evidente que não é possível ter antes um conhecimento prévio. Assim como quem aprende geometria, deve ter antes outros conhecimentos, mas não os desta ciência e daquelas que aprenderá e, também, de outras. Se houvesse uma ciência de tudo, como alguns dizem, [30] alguém que a aprende, previamente não conheceria nada. Ora, todo aprendizado é por conhecimentos prévios, do todo ou de algumas partes,

ἀποδείξεως ἢ δι' ὀρισμῶν (δεῖ γὰρ ἐξ ὧν ὁ ὀρισμὸς προειδέναι καὶ εἶναι γνώριμά·) ὁμοίως δὲ καὶ ἢ δι' ἐπαγωγῆς.

aut quaedam, aut per demonstrationem, aut per definitiones. (Oportet enim ex quibus est definitio praescire et esse nota): similiter autem et quae per inductionem.

por demonstração ou por definições. (De fato, é preciso primeiro conhecer claramente a definição daquelas coisas que há definição). E, semelhante, para o aprendizado por indução.

Ἀλλὰ μὴν εἰ καὶ τυγχάνοι σύμφυτος οὕσα, [993a] [1] θαυμαστόν πῶς λανθάνομεν ἔχοντες τὴν κρατίστην τῶν ἐπιστημῶν.

Sed si est existens connaturalis, [993a] [1] mirum quomodo obliviscimur habentes potissimam scientiarum.

Ora, se fosse conhecimento conatural<sup>3</sup>, [993a] [1] seria admirável, pois possuiríamos, sem que o soubéssemos, a mais excelsa das ciências.

Ἔτι πῶς τις γνωριεῖ ἐκ τίνων ἐστί, καὶ πῶς ἔσται δῆλον; Καὶ γὰρ τοῦτ' ἔχει ἀπορίαν· ἀμφισβητήσῃ γὰρ ἄν τις ὥσπερ καὶ περὶ ἐνίας [5] συλλαβᾶς· οἱ μὲν γὰρ τὸ ζα ἐκ τοῦ ς καὶ δ καὶ α φασὶν εἶναι, οἱ δὲ τινες ἕτερον φθόγγον φασὶν εἶναι καὶ οὐθένα τῶν γνωρίμων.

Amplius autem quomodo aliquis cognoscit ex quibus est, et quomodo est manifestum? Etenim hoc habet dubitationem. Ambiget enim aliquis quemadmodum et circa quasdam [5] syllabas. Hi namque SMA ex S, M et A dicunt: alii vero quemdam sonum alium dicunt esse et cognitorum nullum.

Ademais, como alguém, porém, conhecer-los-á e como isso será evidente? Há, pois, sobre isso dúvidas. De fato, alguém poderia debater como ocorre isso com algumas [5] sílabas. Alguns, pois, dizem, por exemplo, que 'SMA' consta de S, M e A<sup>4</sup>, mas outros dizem que é outro som e que não é nenhum dos sons conhecidos.

Ἔτι δὲ ὧν ἐστὶν αἴσθησις, ταῦτα πῶς ἄν τις μὴ ἔχων τὴν αἴσθησιν γνοίῃ; Καίτοι ἔδει, εἴγε πάντων ταῦτ' αἰσθησιᾶ ἐστὶν ἐξ ὧν, ὥσπερ αἱ σύνθετοι φωναὶ εἰσὶν ἐκ τῶν [10] οἰκείων στοιχείων.

Amplius autem et quorum est sensus, haec quomodo aliquis non habens sensum cognoscet? quamvis oporteat, si omnium sunt elementa, ex quibus, quemadmodum compositae sunt voces ex [10] elementis propriis.

Ademais, como alguém poderia conhecer os objetos do sentido sem ter o sentido? Todavia, deveria ser assim, se os elementos que constituem as coisas são os mesmos, do mesmo modo que os sons compostos procedem [10] de sons elementares.

## K

## Caput 10

## Capítulo 10

Ὅτι μὲν οὖν τὰς εἰρημένας ἐν τοῖς φυσικοῖς αἰτίας ζητεῖν ἐόικασι πάντες, καὶ τούτων ἐκτὸς οὐδεμίαν ἔχομεν ἄν εἰπεῖν, δῆλον καὶ ἐκ τῶν πρότερον εἰρημένων· ἀλλ' ἀμυδρῶς ταύτας, καὶ τρόπον μὲν τινα πᾶσαι πρότερον εἴρηγται τρόπον [15] δὲ τινα

Quoniam ergo dictas causas in physicis quaerere nisi sunt omnes et extra has nullam habemus dicere, palam ex prius dictis. Sed obscure haec et modo quodam omnes prius [15] dictae sunt, modo vero quodam nullatenus. Balbutiens vero visa prima

Portanto, fica claro, pelo antes dito, que todos parecem investigar as causas referidas na *Física*<sup>5</sup> e que fora destas não temos de dizer nenhuma outra. Mas falaram delas obscuramente e, de certo modo, [15] todas já foram vistas por outros, mas não de modo completo. Com efeito, a

<sup>3</sup> O termo grego σύμφυτος foi traduzido por *connaturalis*. Optei traduzir por *conatural*, embora pudesse ser também traduzido por *inato*. Mas neste último caso, haveria de propor uma distinção entre este inato e o posteriormente concebido por Descartes. Em todo caso, o conhecimento inato em Descartes é tomado como absolutamente inato, como sem nenhuma demanda de minimamente algum princípio, o que aqui não parece aludir Aristóteles. Sobre o conhecimento inato referido no contexto, ver: PLATÃO, *Meno*, 81c; *Phaedo*, 72e.

<sup>4</sup> A sílaba grega tomada como exemplo é termo grego ζα (ZA), mas para ser coerente com o comentário de Tomás, logo abaixo, verti para o português o que propunha como exemplo a versão latina 'SMA', o que provavelmente, salvo melhor juízo, tratou-se de uma corruptela em que ao invés de SDA, ficou daquela última forma apresentada, pois no texto grego apresenta justamente ζα ἐκ τοῦ ς καὶ δ καὶ α. Portanto, ς δ α (sda).

<sup>5</sup> ARISTÓTELES, *Physica*, B, 3, 194b-196a.

οὐδαμῶς. Ψελλιζομένη γὰρ ἔοικεν ἡ πρώτη φιλοσοφία περὶ πάντων, ἅτε νέα τε καὶ κατ' ἀρχὰς οὕσα [καὶ τὸ πρῶτον], ἐπεὶ καὶ Ἐμπεδοκλῆς ὅστοῦν τῷ λόγῳ φησὶν εἶναι, τοῦτο δ' ἐστὶ τὸ τί ἦν εἶναι καὶ ἡ οὐσία τοῦ πράγματες. Ἀλλὰ μὴν ὁμοίως ἀναγκαῖον καὶ σάρκας καὶ τῶν ἄλλων [20] ἕκαστον εἶναι τὸν λόγον, ἢ μηδὲ ἔν· διὰ τοῦτο γὰρ καὶ σὰρξ καὶ ὅστοῦν ἔσται καὶ τῶν ἄλλων ἕκαστον καὶ οὐ διὰ τὴν ὕλην, ἣν ἐκεῖνος λέγει, πῦρ καὶ γῆν καὶ ὕδωρ καὶ ἀέρα. Ἀλλὰ ταῦτα ἄλλου μὲν λέγοντος συνέφησεν ἂν ἐξ ἀνάγκης, σαφῶς δὲ οὐκ εἴρηκεν. Περὶ μὲν οὖν τούτων δεδήλωται καὶ [25] πρότερον· ὅσα δὲ περὶ τῶν αὐτῶν τούτων ἀπορήσειεν ἂν τις, ἐπανέλθωμεν πάλιν· τάχα γὰρ ἂν ἐξ αὐτῶν εὐπορήσαιμὲν τι πρὸς τὰς ὑστερον ἀπορίας.

philosophia de omnibus, velut nova existens circa principium et primum. Quoniam et Empedocles ossi dicit inesse rationes: hoc autem est quod quid erat esse et substantia rei. At vero similiter necessarium et carnis et aliorum [20] singulorum esse rationem, aut nihil. Propter hoc enim et caro et os est et aliorum unumquodque et non propter materiam, quam ille dicit ignem, et terram, et aerem, et aquam. Sed hoc alio dicente quidem similiter dixit ex necessitate, manifeste vero non dixit. De talibus quidem igitur [25] prius est ostensum. Quaecumque vero de ipsis dubitabit aliquis, resumamus iterum: nam forsitan ex ipsis aliquid investigabimur ad posteriores dubitationes.

filosofia anterior<sup>6</sup>, parece balbuciar sobre todas as coisas, por estar ainda no começo e no princípio. Dado que, também, Empédocles<sup>7</sup> disse que o osso existe por causa dos seus elementos, que é a essência e a substância da coisa. De fato, também será necessário que seja assim com a carne e as outras coisas [20] singulares, pois será ou não será nenhum, por causa dos seus elementos. Assim, haverá osso, carne e cada uma das outras coisas, não por causa da matéria, que ele disse ser fogo, terra, ar e água. Mas, se outro lhe tivesse dito isso, necessariamente aceitaria, mas ele não disse de modo manifesto. De tais questões [25] tratamos antes. O que for verdade, resumiremos de novo para quem duvidar, pois, talvez, a partir disso, consigamos solucionar algo para as posteriores questões<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> Optei traduzir πρώτη φιλοσοφία, vertido para o latim como *prima philosophia*, por 'filosofia anterior', para evitar equívoco com o termo 'filosofia primeira', que também serve para denominar a *Metafísica*.

<sup>7</sup> Cfr. DIELS-KRANZ, Fr. 96, 98.

<sup>8</sup> Temas que serão tratados no livro 3.



**CORPUS THOMISTICUM**  
**<http://www.corpusthomisticum.org>**

**SANCTI THOMAE DE AQUINO**

**SENTENTIA LIBRI**  
**METAPHYSICAE.**

**LIBER I**

De natura et perfectione hujus divinae scientiae quae sapientiae dicitur. Antiquorum opiniones de rerum causis et principiis narrantur et confutantur.

**LECTIO 17**

Per multas rationes ostendit ideas non esse principia essendi et cognoscendi.

**Sententia.**

1.–Hic improbat positionem Platonis quantum ad hoc, quod ponebat de rerum principiis. Et primo quantum ad hoc quod ponebat principia essendi. Secundo quantum ad hoc quod ponebat principia cognoscendi, ibi, ‘quomodo autem aliquis’, et cetera. Circa primum ponit sex rationes; quarum prima sumitur ex hoc, quod genera causarum praetermittebat. Unde dicit quod *omnino sapientia*, scilicet philosophia habet inquirere causas *de manifestis*, idest de his, quae sensui apparent. Ex hoc enim homines inceperunt philosophari, quod causas inquisiverunt, ut in prooemio dictum est. Platonici autem, quibus se connumerat, rerum principia praetermiserunt, quia nihil dixerunt de causa efficiente, quae est principium transmutationis. Causam vero formalem putaverunt se assignare ponentes ideas. Sed, dum ipsi putaverunt se dicere substantiam eorum, scilicet sensibillum, dixerunt quasdam esse alias substantias separatas ab istis diversas. Modus autem, quo assignabant illa separata esse substantias horum sensibillum, *est supervacuus*, idest efficaciam non habens nec veritatem. Dicebant enim quod species sunt substantiae eorum inquantum ab istis participantur. Sed hoc quod de participatione dicebant, nihil est, sicut ex supradictis patet. Item species, quas ipsi ponebant, non tangunt causam finalem, quod tamen videmus in aliquibus scientiis, quae demonstrant per causam finalem, et propter quam causam omne agens per intellectum et agens per naturam operatur, ut secundo physicorum ostensum est. Et sicut ponendo species non tangunt causam quae dicitur finis,

**AQUINATE**  
**<http://www.aquinate.net>**

**SANTO TOMÁS DE AQUINO**

**SENTENÇAS SOBRE OS LIVROS DA**  
**METAFÍSICA.**

**LIVRO I**

Da natureza e perfeição desta ciência divina que é denominada sabedoria. São expostas e refutadas as opiniões dos antigos sobre as causas e os princípios das coisas.

**LIÇÃO 17**

Por muitas razões mostra que as ideias não são princípios do ser e do conhecer.

**Sentenças.**

1.–Refuta a posição de Platão nisto por colocar o princípios das coisas. Primeiro, refuta o que colocou como princípios do ser. Segundo, o que pôs como princípios do conhecer, aí: ‘como’, etc. Sobre o primeiro, põe seis razões, das quais se toma a primeira por omitir os gêneros das causas. Onde diz que *toda sabedoria*, a saber, a filosofia, tem de investigar as causas *mais evidentes*, isto é, as que são evidentes aos sentidos. Por isso os homens começaram a filosofar, porque buscavam as causas das coisas, como foi dito no prólogo. Mas os platônicos, e mesmo Platão, omitiram os princípios das coisas, porque não disseram nada sobre a causa eficiente, que é o princípio da mudança. De fato, afirmaram a causa formal para pôr as ideias. Mas, enquanto eles achavam que eram a substância das coisas, ou seja, dos sensíveis, disseram que existiam outras substâncias separadas e distintas destas. Ora, o modo como sustentaram existir aquelas substâncias separadas destas sensíveis, é vão, isto é, não tem eficácia nem verdade. Diziam que as espécies são da substância dos sensíveis, enquanto são participadas por estas. Ora, isso que diziam sobre a participação não é nada, como acima ficou evidente. Ademais, as espécies que afirmavam não chegam à causa final que sabemos existir em certas ciências, que demonstram pela causa final, e é por isso que toda causa agente é operada pelo intelecto e pela natureza, tal como se demonstrou em *Física*, II<sup>9</sup>. E como ao propor as espécies não chegavam à causa final, também não alcançaram a causa que se denomina princípio,

<sup>9</sup> ARISTÓTELES, *Physica*, B, 8, 198b-199b-31.



ita nec causam quae dicitur principium, scilicet efficientem, quae fini quasi opponitur. Sed Platonice praetermittentibus huiusmodi causas facta sunt naturalia, ac si essent mathematica sine motu, dum principium et finem motus praetermittebant. Unde et dicebant quod mathematica debent tractari non solum propter seipsa, sed aliorum gratia, idest naturalium, in quantum passionem mathematicorum sensibilibus attribuebant.

2.–Deinde cum dicit ‘amplius autem’ hic ponit secundam rationem, quae talis est. Illud, quod ponitur tamquam rei materia, magis est substantia rei et praedicabile de re, quam illud quod est separatum a re: sed species est separata a rebus sensibilibus: ergo secundum Platonice opinionem magis aliquid suscipiet substantiam subiectam, ut materiam, esse substantiam mathematicorum quam speciem separatam. Magis etiam suscipiet eam praedicari de re sensibili quam speciem praedictam. Platonice enim ponebant magnum et parvum esse differentiam substantiae et materiei. Haec enim duo principia ponebant ex parte materiae, sicut naturales ponentes rarum et densum esse primas differentias *subiecti* idest materiae, per quas scilicet materia transmutabatur, dicentes eas quodammodo scilicet magnum et parvum. Quod ex hoc patet, quia rarum et densum sunt quaedam superabundantia et defectio. Spissum enim est quod habet multum de materia sub eisdem dimensionibus. Rarum quod parum. Et tamen Platonice substantiam rerum sensibilibus magis dicebant species quam mathematica, et magis praedicari.

3.–Deinde cum dicit ‘et de motu’ hic ponit tertiam rationem, quae talis est. Si ea, quae sunt in sensibilibus, causantur a speciebus separatis, necessarium est dicere quod sit in speciebus idea motus, aut non. Si est ibi aliqua species et idea motus, etiam constat quod non potest esse motus sine eo quod movetur, necesse erit quod species moveantur; quod est contra Platonice opinionem, qui ponebant species immobiles. Si autem non sit idea motus, ea autem quae sunt in sensibilibus causantur ab ideis, non erit assignare causam, unde motus veniat ad ista sensibilia. Et sic aufertur tota perscrutatio scientiae naturalis, quae inquit de rebus mobilibus.

4.–Deinde cum dicit ‘et quod’ hic ponit quartam rationem, quae talis est. Si unum esset substantia rerum omnium sicut Platonice posuerunt, oporteret dicere quod omnia sint unum, sicut et naturales, qui ponebant substantiam omnium esse aquam, et sic de elementis aliis. Sed facile est monstrare, quod

ou seja, a eficiente, que se opõe à final. Ora, os platônicos omitiram estes tipos de causas naturais, como se existissem os objetos da matemática sem o movimento, omitindo o princípio e o fim do movimento. Por isso, diziam que as matemáticas devem ser tratadas não só por causa de si mesmas, mas graças a outras coisas, isto é, dos corpos naturais, enquanto atribuíam os objetos das matemáticas aos sensíveis.

2.–Onde diz: ‘Ademais’, expõe o segundo argumento, que é o seguinte. O que está posto como a matéria da coisa é mais substância e predicável da coisa do que algo que é separado da coisa. Ora, a espécie existe separada das coisas sensíveis. Logo, segundo a opinião dos platônicos, algo subjaz mais ao sujeito da substância, como a matéria, do que a espécie separada como o ser da substância dos objetos da matemática. Também admitiam mais que é predicado da coisa sensível do que da referida espécie. De fato, os platônicos afirmavam que o grande e o pequeno eram diferenças da substância e da matéria. Afirmam, pois, estes dois princípios por parte da matéria, tal como os filósofos da natureza afirmavam o leve e o pesado ser as primeiras diferenças do *sujeito*, isto é, da matéria, pelas quais a matéria é modificada, falando destas tal como o grande e pequeno. Isso é evidente porque o leve e o pesado são como o excesso e o defeito. Pesado é o que tem muita matéria sob as mesmas dimensões. O leve, é o que tem pouca. Todavia, os platônicos diziam ser as espécies mais substância e mais predicáveis das coisas sensíveis do que dos objetos da matemática.

3.–Ao dizer ‘movimento’, põe o terceira razão. Se existem nos sensíveis elas são causadas pelas espécies separadas, e necessitará dizer que há ou não a ideia de movimento nas espécies. Se existe a espécie e a ideia de movimento, constará que não pode haver movimento sem isto que o move e necessitará que as espécies sejam movidas, o que é contra a opinião dos Platônicos, que afirmavam as espécies imóveis. Se não há a ideia de movimento e as que existem nos sensíveis são causadas pelas ideias, não designará a causa, por onde o movimento vem aos sensíveis. E, assim, cessa toda investigação da ciência natural, que pesquisa as realidades móveis.

4.–Ao dizer: ‘e que’, põe a quarta razão. Se o uno fosse a substância de todas as coisas, como os platônicos afirmaram, seria necessário dizer que todas as coisas são um, como fizeram os filósofos da natureza que afirmaram ser a água a substância de tudo, e o mesmo dos outros elementos. Ora, é fácil demonstrar que todas

omnia non sunt unum: ergo positio quae ponit substantiam omnium esse unum, est improbabilis.

5.–Si autem aliquis dicat quod ex positione Platonis non sequitur quod omnia sint unum simpliciter, sed aliquod unum, sicut dicimus aliqua esse unum secundum genus, vel secundum speciem; si quis velit dicere sic omnia esse unum, nec hoc etiam poterit sustineri, nisi hoc quod dico unum, sit genus, vel universale omnium. Per hunc enim modum possemus dicere omnia esse unum specialiter, sicut dicimus hominem et asinum esse animal substantialiter. Hoc autem quibusdam videtur impossibile, scilicet quod sit unum genus omnium; quia oporteret, quod differentia divisiva huius generis non esset una, ut in tertio dicitur, ergo nullo modo potest poni quod substantia rerum omnium sit unum.

6.–Deinde cum dicit ‘nullam namque’ hic ponit quintam rationem, quae talis est. Plato ponebat post numeros, longitudes et latitudines et soliditates esse substantias rerum sensibilibus, ex quibus scilicet corpora componerentur. Hoc autem secundum Platonis positionem nullam rationem habere videtur, quare debeant poni nec in praesenti, nec in futuro. Nec etiam videtur habere aliquam potestatem ad hoc quod sint sensibilibus causae. Per *praesentia* enim hic oportet intelligi immobilia, quia semper eodem modo se habent. Per *futura* autem corruptibilia et generabilia, quae esse habent post non esse. Quod sic patet. Plato enim ponebat tria genera rerum; scilicet sensibilia, et species, et mathematica quae media sunt. Huiusmodi autem lineae et superficies, ex quibus componuntur corpora sensibilia, non est possibile esse species, quia species sunt numeri essentialiter. Huiusmodi autem sunt post numeros. Nec iterum potest dici quod sunt intermedia inter species et sensibilia. Huiusmodi enim sunt entia mathematica, et a sensibilibus separata: quod non potest dici de illis lineis et superficiebus ex quibus corpora sensibilia componuntur. Nec iterum possunt esse sensibilia. Nam sensibilia sunt corruptibilia; huiusmodi autem incorruptibilia sunt, ut infra probabitur in tertio. Ergo vel ista nihil sunt, vel sunt quartum aliquod genus entium, quod Plato praetermisit.

7.– Deinde cum dicit ‘et omnino’ hic ponit sextam rationem, quae talis est. Impossibile est invenire principia alicuius multipliciter dicti, nisi multiplicitas dividatur. Ea enim quae solo nomine convenientia sunt et differunt ratione, non possunt habere principia communia, quia sic haberent rationem

as coisas não são uma. Logo, a posição que afirma ser o uno a substância de tudo, é improvável.

5.–Se alguém disser que não é da opinião de Platão que tudo é uno em absoluto, mas relativamente, como o uno segundo o gênero ou segundo a espécie, se quisesse dizer que tudo é uno, nem isto também poderia sustentar, exceto se o que chamo de uno fosse o gênero ou o universal de todos. Deste modo podemos dizer tudo ser uno especificamente, como quando dizemos ‘homem’ e ‘jumento’ ser animal substancialmente. Ora, isto, em certos casos, parece impossível, a saber, que exista um gênero de todos, porque é preciso que a diferença que distingue este gênero não fosse uma, como será dito no Livro III. Logo, de modo algum pode pôr que a substância das coisas seja uma para todas.

6.–Ao dizer: ‘nenhuma’, põe ali a quinta razão. Platão afirmou que longitudes, latitudes e espessuras existem depois dos números, como substâncias das coisas sensíveis, como aquilo de que os corpos são compostos. Ora, isto segundo a posição de Platão não parece ter nenhuma razão, por isso não devem pôr nem no presente nem no futuro. Nem parece ter qualquer eficácia para estabelecê-los como causas das coisas sensíveis. Por *presentes* é preciso entender as imóveis, porque elas sempre existem do mesmo modo. Por *futuras*, as corruptíveis e as geráveis, que tem o ser depois do não ser. Isso fica claro assim. Platão pôs três gêneros de coisas: as sensíveis, as espécies e as matemáticas, que são intermediárias. Ora essas linhas e superfícies, com as quais os corpos sensíveis são compostos, não podem ser espécies, porque as espécies são essencialmente números. Ora, assim, existem depois dos números. Nem mesmo pode-se dizer que são intermediários entre as espécies e os sensíveis. Ora, assim são os entes matemáticos e os separados dos sensíveis, o que não se pode dizer das linhas e superfícies, com as quais os corpos sensíveis são compostos. Nem mesmo podem ser os sensíveis, pois os sensíveis são corruptíveis, mas estes de tal natureza são incorruptíveis, como mais adiante se provará no Livro III. Logo, ou estas coisas nada são, ou são um quarto gênero de entes, o que Platão omitiu.

7.–Ao dizer: ‘totalidade’, põe a sexta razão. É impossível encontrar os princípios de algo que se diz em muitos sentidos, exceto se são distintos estes sentidos. As coisas que convêm apenas no nome e diferem na noção, não podem ter princípios comuns, porque se tivessem a mesma noção, a noção seria tomada

eamdem, cum rei cuiuscumque ratio ex suis principiis sumatur. Distincta autem principia his, quibus solum nomen commune est, assignari impossibile est, nisi his quorum principia sunt assignanda adinvicem diversis. Cum igitur ens multipliciter dicatur et non univoce de substantia et aliis generibus, inconvenienter assignat Plato principia existentium, non dividendo abinvicem entia.

8.—Sed quia aliquis posset aliquibus ratione differentibus, quibus nomen commune est, principia assignare, singulis propria principia captando, sine hoc quod nominis communis multipliciter distingueret, hoc etiam Platonici non fecerunt. Unde *et aliter*, id est alia ratione inconvenienter rerum principia assignaverunt quaerentes ex quibus elementis sunt entia, secundum hunc modum, quo quaesierunt, ut scilicet non omnibus entibus sufficientia principia assignarent. Non enim ex eorum dictis est accipere ex quibus principiis est agere aut pati, aut curvum aut rectum, aut alia huiusmodi accidentia. Assignabant enim solum principia substantiarum, accidentia praetermittentes.

9.—Sed si aliquis defendendo Platonem dicere vellet, quod tunc contingit omnium entium elementa esse acquisita aut inventa, quando contingit solarum substantiarum principia habita esse vel inventa, hoc opinari non est verum. Nam licet principia substantiarum etiam quodammodo sint principia accidentium, tamen accidentia propria principia habent. Nec sunt omnibus modis omnium generum eadem principia, ut ostendatur infra, undecimo vel duodecimo huius.

10.—Deinde cum dicit ‘quomodo autem’ disputat contra Platonem quantum ad hoc, quod ponebat ideas esse principia scientiae in nobis. Et ponit quatuor rationes: quarum prima est. Si ex ipsis ideis scientia in nobis causatur, non continget addiscere rerum principia. Constat autem quod addiscimus. Ergo ex ipsis ideis scientia non causatur in nobis. Quod autem non contingeret aliquid addiscere sic probat. Nullus enim praecognoscit illud quod addiscere debet; sicut geometra, etsi praecognoscat alia quae sunt necessaria ad demonstrandum, tamen ea quae debet addiscere non debet praecognoscere. Et similiter est in aliis scientiis. Sed si ideae sunt causa scientiae in nobis, oportet quod omnium scientiam habeant, quia ideae sunt rationes omnium scibilium: ergo non possumus aliquid addiscere, nisi aliquis dicatur addiscere illud quod prius praecognovit. Unde si ponatur quod aliquis addiscat, oportet quod non

dos principios da coisa. Ora, estes principios distintos, que tem apenas o nome comum, é impossível designá-los, exceto aqueles que são designados distintos uns em relação aos outros. Logo, como o ente se diz de muitos modos e não univocamente da substância e de outros gêneros, Platão designou de modo inconveniente os principios dos entes, não distinguindo uns entes dos outros.

8.—Ora, alguém pode pela noção indicar os principios de coisas diferentes, por um mesmo nome comum, captando os principios próprios de cada um, sem distinguir os muitos sentidos do nome comum, embora isto os platônicos não fizeram. Daí, *e de outro modo*, por outra razão inadequada, afirmaram os principios das coisas investigadas, com os elementos com os quais eram constituídos os entes e, assim, não assinalaram principios suficientes para todos os entes. Não foi possível dizer a partir destes elementos tomados como principios se são ativos ou passivos, se curvo ou reto, ou outros acidentes desta classe. Indicaram, pois, apenas os principios das substâncias, omitindo os acidentes.

9.—Ora, se alguém ao defender Platão dissesse que todos os elementos de todos os entes são adquiridos ou descobertos, não seria verdadeira esta opinião, se ocorresse ser encontrado ou inventado os principios só das substâncias. Pois, embora os principios das substâncias sejam também os principios dos acidentes, ainda assim os acidententes teriam os seus próprios principios. Também não são os mesmos principios, em todos os sentidos, de todos os gêneros, como será mostrado abaixo, no Livro XI ou XII da obra.

10.—Ao dizer: ‘Ora’ disputa contra Platão que colocava as ideias em nós como principios da ciência. E dá quatro razões, das quais a primeira é esta. Se a ciência fosse causada em nós pelas mesmas ideias, não ocorreria conhecermos os principios das coisas. Ora, ocorre que os conhecemos. Logo, a ciência não é causada em nós pelas próprias ideias. Ora, que não conheceria algo, prova-se assim. Ninguém pré-conhece aquilo que deve conhecer, pois o geometra, embora pré-conheça outras coisas que são necessárias para a demonstração, porém não pré-conhece as que deve conhecer. E assim ocorre com outras ciências. Ora, se as ideias causam-nos a ciência, é preciso que tenhamos a ciência de todas as coisas, pois as ideias são as noções de tudo que se conhece. Logo, não podemos conhecer algo, exceto que alguém diga conhecer o que antes pré-conheceu. Por isso, se afirmar que alguém conhece, será preciso



praexistat cognoscens illa quae addiscit, sed quaedam alia cum quibus fiat disciplinatus, idest addiscens praecognita *omnia*, idest universalia *aut quaedam*, idest singularia. Universalia quidem, sicut in his quae addiscuntur per demonstrationem et definitionem; nam oportet sicut in demonstrationibus, ita in definitionibus esse praecognita ea, ex quibus definitiones fiunt, quae sunt universalia; singularia vero oportet esse praecognita in his quae discuntur per inductionem.

11.—Deinde cum dicit ‘sed si est’ hic ponit secundam rationem, quae talis est. Si ideae sunt causa scientiae, oportet nostram scientiam esse nobis connaturalem. Sensibilia enim per haec naturam propriam adipiscuntur, quia ideas participant secundum Platonicos. Sed potissima disciplina sive cognitio est illa quae est nobis connaturalis, nec eius possumus oblivisci, sicut patet in cognitione primorum principiorum demonstrationis, quae nullus ignorat: ergo nullo modo possumus omnium scientiam ab ideis in nobis causatam oblivisci. Quod est contra Platonicos, qui dicebant quod anima ex unione ad corpus obliviscitur scientiae, quam naturaliter in omnibus habet: et postea per disciplinam addiscit homo illud quod est prius notum, quasi addiscere nihil sit nisi reminisci.

12.—Deinde cum dicit ‘amplius autem’ hic ponit tertiam rationem, quae talis est. Ad rerum cognitionem requiritur, quod homo non solum cognoscat formas rerum, sed etiam principia materialia, ex quibus componitur. Quod ex hoc patet, quia de his interdum contingit esse dubitationem, sicut de hac syllaba *sma*, quidam dubitant utrum sit composita ex tribus literis scilicet *s*, *m*, *a*, aut sit una litera praeter omnes praedictas habens proprium sonum. Sed ex ideis non possunt cognosci nisi principia formalia, quia ideae sunt formae rerum: ergo non sunt sufficientes causae cognitionis rerum principiis materialibus remanentibus ignotis.

13.—Deinde cum dicit ‘amplius autem’ hic ponit quartam rationem, quae talis est. Ad cognitionem rerum oportet de sensibilibus notitiam habere, quia sensibilia sunt manifesta elementa materialia omnium rerum, ex quibus componuntur, sicut voces compositae, ut syllabae et dictiones componuntur ex propriis elementis. Si igitur per ideas scientia in nobis causatur, oportet quod per ideas causetur in nobis cognitio sensibilibus. Cognitio autem in nobis causata ex ideis sine sensu est accepta, quia per sensum non habemus habitudinem ad ideas. In cognoscendo ergo sequitur quod

que o que conhece não preexiste nele, mas apenas outras coisas, pelas quais se torna instruído, e adquira conhecimento mediante *todas* coisas já conhecidas, os universais, *ou alguns deles*, ou os singulares. Os universais, como aquilo que se conhece por demonstração e definição, são conhecidos por demonstrações, pois serão pré-conhecidos nas definições, pois estas existem a partir dos universais, pois são universais. Os singulares são conhecidos primeiro naquelas coisas que se dizem por indução.

11.—Ao dizer: ‘Ora’, põe a segunda razão. Se as idéias causassem a ciência, seria preciso que a nossa ciência fosse-nos conatural. Ora, os sensíveis são conhecidos por sua própria natureza, pois elas participam das ideias, segundo os platônicos. Ora, a mais importante ciência ou conhecimento é o que é-nos conatural e que não podemos esquecer, como no caso do conhecimento dos primeiros princípios de demonstração, que ninguém é ignora. Logo, não podemos, por nada, esquecer toda ciência causado em nós pelas ideias. O que contraria a opinião dos platônicos, que diziam que a alma, pela união com o corpo, esqueceu a ciência, a qual naturalmente existia em todos. E, depois, o homem, pelo estudo adquire o que foi primeiramente conhecido, pois conhecer nada mais é que recordar.

12.—Ao dizer: ‘Ademais’, põe a terceira razão. Para conhecer as coisas requer-se que o homem não conheça apenas as formas das coisas, mas também seus princípios materiais, dos quais se compõe as coisas. Isto é evidente, porque, às vezes, há dúvida como no caso desta sílaba ‘*sma*’, pois alguns duvidam que ela seja composta de três letras, a saber, *S*, *M* e *A*, ou se é uma letra além de outras que tem seu próprio som. Ora, pelas ideias não podemos conhecer senão os princípios formais, porque as ideias são as formas das coisas. Logo, as ideias não são causas suficientes do conhecimento dos princípios das coisas materiais, que permanecem desconhecidos.

13.—Ao dizer: ‘Ademais’, põe a quarta razão. Para conhecer as coisas é preciso conhecer os sensíveis, pois os sensíveis são os elementos materiais mais evidentes de todas as coisas, das quais são compostas, como os sons compostos, como as sílabas e as palavras são compostas pelos seus próprios elementos. Se o conhecimento é-nos causado pelas ideias, será preciso que as ideias causem-nos o conhecimento dos sensíveis. Ora, o conhecimento que nos é causado pelas ideias é obtido sem os sentidos, pois pelos sentidos não alcançamos as ideias. Logo, segue-se que

aliquis non habens sensum possit cognoscere sensibilia, quod patet esse falsum. Nam caecus natus non potest habere scientiam de coloribus.

14.–Deinde cum dicit ‘quoniam ergo’ hic colligit ea, quae ab antiquis de principiis dicta sunt; dicens quod ex prius dictis est manifestum, quod antiqui philosophi conati sunt quaerere causas a nobis in libro physicorum determinatas, et quod per dicta eorum non habemus aliquam causam extra causas ibi declaratas. Has autem causas obscure dixerunt, et quodammodo omnes ab eis sunt tactae, quodammodo vero nullam earum tetigerunt. Sicut enim pueri de novo loqui incipientes imperfecte et balbutiendo loquuntur, ita philosophia priorum philosophorum nova existens, visa est balbutiendo et imperfecte de omnibus loqui circa principia. Quod in hoc patet quod Empedocles primo dixit quod ossa habent quamdam rationem idest commixtionem proportionis, quae quidem ratio est quod quid est et substantia rei. Sed similiter necessarium est de carne et de singulis aliorum, aut de nullo. Omnia enim ista ex elementis commixta sunt. Et propter hoc patet quod caro et os et omnia huiusmodi non sunt id quod sunt, propter materiam quae ab eo ponitur quatuor elementa, sed propter hoc principium, scilicet formale. Hoc autem Empedocles quasi ex necessitate veritatis coactus posuit aliquo alio expressius ista dicente, sed ipse manifeste non expressit. Et sicut expresse non manifestaverunt naturam formae, ita nec materiae, ut supra de Anaxagora dictum est. Et similiter nec alicuius alterius principii. De talibus ergo quae ab aliis imperfecte dicta sunt, dictum est prius. Iterum autem in tertio libro recapitulabimus de istis quaecumque circa hoc potest aliquis dubitare ad unam partem vel ad aliam. Ex talibus enim dubitationibus forsitan investigabimus aliquid utile ad dubitationes, quas posterius per totam scientiam prosequi et determinare oportet.

alguém ao conhecer, mesmo que não tenha um sentido, poderia conhecer os sensíveis, o que é falso, pois um cego de nascimento não pode ter conhecimento das cores.

14.–Ao dizer: ‘Logo’, resume as opiniões, que os antigos afirmaram sobre os princípios, e diz que sobre o dito acima, é evidente que os antigos filósofos investigaram as causas consideradas na *Física*<sup>10</sup>, e que não encontraram nenhuma outra além das estabelecidas. Ora, eles discutiram essas causas de maneira obscura, embora mencionassem todas as causas, nenhuma delas foi verdadeiramente considerada. Pois, como crianças que começam a falar balbuciando e de modo imperfeito sobre algo novo, assim também a filosofia dos primeiros filósofos, que era algo novo, fala balbuciando e de forma imperfeita sobre os princípios de todas as coisas. O que fica evidente com Empédocles, primeiro a dizer que os ossos têm certa proporção, uma mistura proporcional, e que isto é a quiddidade e a substância da coisa. Ora, o mesmo ocorre com a carne e outras coisas singulares ou com nenhuma delas, pois todas estas coisas são misturas de elementos. Por isso, fica claro que carne, osso e todas deste tipo não são o que são por causa da sua matéria, que ele identificou com os quatro elementos, mas por causa deste princípio: o formal. Ora, Empédocles, compelido pela necessidade de verdade, propôs outra coisa ao dizer isto de modo mais expressivo, mas não expressou isto de modo claro. Assim não disseram claramente a natureza da forma, nem a da matéria, como foi dito de Anaxágoras. E, igual, de nenhum dos outros princípios. E já falamos antes de tais coisas que disseram de modo imperfeito. Recapitularemos os assuntos novamente no Livro III, estes que alguém pode duvidar de um ou outro modo. A partir de tais dúvidas, talvez, investigaremos algo útil para as mesmas questões, cujas soluções serão necessárias para depois determinar o caminho certo para toda ciência.

<sup>10</sup> ARISTÓTELES, *Physica*, B, 3, 194b-196a.